ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ANSIEDADE DE PUBLICAR

REFLECTIONS ON THE FEAR OF PUBLISHING

Walkiria Toledo de Araújo[1]
Humberto Vicente de Araújo[2]
Juliana Toledo de A Rocha[3]

INTRODUÇÃO

A publicação de um trabalho, quer seja científico, quer não, constitui um processo que envolve aspectos profundos da personalidade do autor, com freqüência, desencadeando ansiedade.

É através da publicação que se registram as idéias, descobertas, inovações ou opiniões da responsabilidade de um autor sobre o conteúdo do material relatado. Ela serve não só para divulgar o conhecimento, mas também para atribuir respeitabilidade e reputação das pessoas envolvidas no trabalho.

Neste artigo, nossa tarefa é refletir sobre as repercussões no mundo interno do autor, passando pelas diversas fases envolvidas no processo de publicar, tais como: escolha do tema e formulação das idéias; o ato de escrever e de submete-lo às próprias críticas e às de outros; onde publicar; aceitação ou rejeição do trabalho; se aceito, a exposição a um grande público de leitores especializados ou leigos e, finalmente, a eventual não-aceitação do trabalho, despertando sentimentos de incompetência, frustração e depressão. Constitui-se também um exercício de desvelarem-se os mais diversos tipos de tensões e ansiedades que podem ser elaboradas e vivenciadas pelo autor no ato da escrita, a saber: idéias ambivalentes que oscilam entre megalomanias e minimização da auto-estima; temor de não ser aceito pelos pares ou público, ligado às experiências infantis traumáticas; receio de inveja dos pares, podendo ser a projeção da própria inveja; desejo de usurpar o lugar de um colega mais experiente, talvez interpretado como lugar do pai; ambivalência em relação à figura do pai, simbolicamente, transferido para o orientador ou mestre; medo de fracassar ou de não se permitir ao sucesso; problemas de identidade e problemas ligados ao narcisismo.

Para embasarmos o tema da ansiedade, recorremos às abordagens filosóficas e psicanalíticas. Para a primeira, buscamos os aportes da filosofia existencialista,

[1] 1Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UFPB. Doutora em Ciências da Informação – Universidad Complutense de Madrid

[2] 2 Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano UFPB. Doutor em Psiquiatria. Universidad Complutense de Madrid. Psicanalista da International Psychoanalytical Association

[3] 3Aluna do Curso de Psicologia da UFPB

especialmente em Kierkegaard e, para a concepção psicanalítica, o principal referencial teórico no qual nos apoiamos foi Freud. Apontamos, também, algumas obras de escritores consagrados da ciência e da literatura universais, portadores de inibições e ansiedade para publicar seus escritos.

Nestas circunstâncias, o presente artigo objetivou delinear alguns fatores que envolvem a natureza da ansiedade em publicar.

ESCRITA: ESSÊNCIA E CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

A linguagem escrita é uma invenção social. Ela surgiu da necessidade de o homem comunicar-se através do tempo e do espaço. A escrita constitui uma original tecnologia da comunicação que foi desenvolvida para materializar as idéias do homem. Isto se deu quando as sociedades alcançaram um certo grau de complexidade. Vygostsky (1996) afirma que com o desenvolvimento da escrita, o homem passou da linguagem mnemônica para a mnemotécnica. A escrita, portanto, constitui-se um sistema de intercomunicação humana por meio de sinais ou signos visíveis, que passaram a ter valores simbólicos, convencionalmente normalizados por princípios e regras.

A escrita, quando é produzida, denomina-se texto. Este deve ser criado como linguagem cujo processo deve, necessariamente, atribuir um significado. O leitor é o decodificador do significado do texto. A escrita é um processo no qual o pensamento pleno de imagens provoca a transformação delas mesmas em signos impressos.

A escrita implica uma forte relação entre autor e público. Ao escrever, o autor se expõe. Coloca-se, ainda que subjacente, à vista do público-leitor; transmitindo seus valores, experiências, enfim, seu caldo cultural. O público, isto é, o intérprete dos escritos desse autor, só é capaz de compreender e apreender o conhecimento através, também, de suas representações, de experiências, de conhecimento de mundo Freire (1990). Esse conhecimento só será possível a partir da experiência "a priori", isto é, antes da interação com o texto. Por isso, sabemos das variações de compreensão de um mesmo texto lido por várias pessoas e da impossibilidade de uma única interpretação.

A inteligibilidade da escrita está sujeita ao modo de transferir significado ao público-leitor. Este se apropria do texto para construir sentido. Significa dizer que o leitor utiliza a inferência para dar sentido ao que não está explícito no texto. Nestas circunstâncias, podemos dizer que toda interpretação é idiossincrática e cultural, posto que cada indivíduo tem seu olhar, seu sentir e sua forma de vivenciar diferentes circunstâncias.

O discurso escrito está eivado de ideologia do autor. Ao escrever, o autor carrega suas intenções, seu posicionamento político-ideológico, construído ao longo de sua formação social. Por conseguinte, a escrita é produto da construção histórico-político-social do autor. Já enunciamos que o homem constrói seu acervo cultural a partir de elementos retirados do microcosmo onde vive. Cabe ao público desvelar o que está contido nesse discurso, dando-lhe sentido e significado.

Não há escrita sem público. Significa dizer que a escrita é um fenômeno que envolvente do contexto sócio-cultural do seu produtor e o interlocutor, o público.

Na perspectiva da ciência, a escrita possibilita o autor a legitimar a sua obra, tornando-a pública e pondo-a à exposição de seus pares, da comunidade científica. Para o cientista é essencial expor suas idéias a outros olhares, propiciando a detecção de seus próprios erros e eventuais correções (DENNETT,1996).

A escrita pode ser verificada e controlada com certa facilidade. Isso pode ocorrer quando se observam no texto tendências heréticas, o que possibilita uma correção. Outra importante qualidade da escrita é que há um efeito multiplicador da informação. Portanto, ela é perpetuadora. Neste sentido, afora algumas possíveis relações com idéias religiosas e políticas, a escrita tem poder por si mesma. A máxima *"a palavra voa; a escrita permanece*" configura essa "magia" da palavra escrita. Algumas sociedades, como a egípcia, tinha o hieróglifo como símbolo de vida eterna e de boa sorte. Os muçulmanos portam amuletos que contêm passagens do Corão. Igualmente, alguns cristãos conferem poder à Bíblia, colocando-a sobre os corpos de mortos ou deixando-a aberta em suas casas, como proteção contra o mal, emanado do satanás. Esses são exemplos do poder e fascínio da escrita relativa à religião. Outros exemplos do poder político que ameaça governos, especialmente os totalitários, podem ser apontados. A hostilidade pela escrita ao longo da História da humanidade pode ser lembrada. A Inquisição, na Espanha, queimava os judeus junto ao seu Talmud. A Igreja, na Idade Média, destruiu bibliotecas inteiras. Na história contemporânea, o nazismo de Hitler queimou livros que, de alguma forma, estivessem ligados aos judeus e, mais tarde, às idéias comunistas. Na China, a revolução cultural mostrou ao mundo sua radical reação à educação literária, associada aos privilégios da elite dominante, fechando universidades, bibliotecas e livrarias. No Brasil, atitude semelhante foi adotada pela Ditadura Militar.

Com efeito, a escrita é, primordialmente, uma formulação da experiência vital. Portanto, constitui um instrumento intelectual do sentido e do sentimento humanos. Sua função na cultura humana é reconhecer fenômenos distintos entre si, ideologias e representações no espaço e no tempo.

A escrita, através dos signos e símbolos, mantém e perpetua os conteúdos da consciência humana.

PRODUÇÃO INTELECTUAL E ANSIEDADE: ASPECTOS CONCEITUAIS, PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E PSICANALÍTICAS

Antes de descrever algumas concepções psicanalíticas sobre a ansiedade em publicar, deter-nos-emos sobre alguns aspectos referentes à concepção do vocábulo **ansiedade**.

O termo ansiedade se reveste de um contorno impreciso, em que pese a vasta literatura sobre o assunto. No uso corrente, há, ainda, uma imprecisão no uso dos termos ansiedade e angústia.

No século XVIII, na França, o termo "anxiété" (ansiedade) foi utilizado para definir estados de inquietude e perturbação; e "angoissé" (angústia), como um certo mal-estar, desassossego e agitação excessiva. As nuancças que permeiam os conceitos fazem-nos remontar às origens etimológicas desses termos. A raiz "angh" é indo-germânica, que, em grego, significa apertar, estreitar. No latim, a raiz é a mesma: "angh", derivando as palavras "angustus, ango, angor, angina , anxius, anxietas (LEWIS, 1997). A verdade é que todas as raízes lingüísticas e definições as quais traduzem o termo ansiedade têm em comum a noção de estreitamento. De um modo geral, portanto, podem-se considerar angústia e ansiedade como sinônimas. O que se pode observar, de fato, é uma pequena nuança na sua concepção, entendendo-se que, na ansiedade, as manifestações são psíquicas, enquanto na

angústia, ocorrem manifestações físicas desencadeadas pela ansiedade. Não sendo possível, por conseguinte, precisar quando termina a ansiedade e começa a angústia.

Para entendermos a concepção psicanalítica da ansiedade, teremos que nos remeter à compreensão do modo como funciona o aparelho mental, segundo a perspectiva freudiana.

Freud identificou dois processos que regem o funcionamento mental: o processo primário e o processo secundário. O primeiro é próprio do inconsciente, enquanto o processo secundário caracteriza o sistema consciente/pré-consciente. No inconsciente, a realidade externa torna-se submissa à realidade psíquica, na qual a lógica não funciona. Além do mais, o inconsciente é regido pelo princípio do prazer e o consciente/pré-consciente, pelo princípio da realidade. Essa é a divisão topográfica do aparelho psíquico. Do ponto de vista estrutural, existe o id, que é totalmente inconsciente; o ego, com as três topografias (inconsciente, pré-consciente e consciente) e, finalmente, o superego, quase totalmente inconsciente e com uma parte pré-consciente.

Freud defrontou-se pela primeira vez com o problema da ansiedade no curso da investigação das neuroses "atuais", sendo que suas primeiras apreciações sobre elas só foram encontradas em seu primeiro artigo Neurose de Angústia, em 1895. Nesse momento, explica-se a origem da ansiedade através do acúmulo de excitação não descarregada, ou seja, considera a ansiedade como libido transformada. Dois anos mais tarde, numa carta a Fliess (a de número 78, escrita em 1850), Freud (1969b) observa não haver conexão direta entre libido e ansiedade. Desconsidera, assim, sua explicação anterior, passando a acreditar que a ansiedade é uma "reação sobre uma representação específica a situações de perigo".

Em 1926, em Inibições, Sintomas e Angústia, Freud (1969a) estabelece a sua definitiva concepção de ansiedade. Concebe a ansiedade como um sinal do ego de que uma pulsão inaceitável, proveniente do id, está exigindo representação e descarga conscientes. A ansiedade desperta o ego para que este tome medidas defensivas contra as pressões interiores. Significa dizer que, se a repressão não for bem sucedida, outros mecanismos psicológicos de defesa podem resultar em formação de sintomas.

Nem sempre a ansiedade é patológica. Por conseguinte, a ansiedade pode constituir-se um sentimento útil, posto que, sem ela, estaríamos vulneráveis ao perigo e ao desconhecido. Constitui algo que está presente no desenvolvimento humano normal, especialmente quando há ocorrência de mudanças e experiências novas e inéditas.

Com efeito, se é vantajoso responder com ansiedade a certas situações ameaçadoras, podemos falar de ansiedade normal, contrastando com a ansiedade anormal ou patológica, a qual é representada como uma resposta inadequada a determinado estímulo, devido a sua intensidade ou duração. Diferentemente da ansiedade normal, a patológica paralisa o indivíduo, traz prejuízo ao seu bem-estar e ao seu desempenho, e não permite que ele se prepare e enfrente as situações ameaçadoras.

Além da concepção psicanalítica, existem outras hipóteses para a etiologia da ansiedade. As teorias comportamentais sugerem que a ansiedade é uma resposta condicionada a estímulos ambientais específicos. Uma pessoa pode aprender a ter uma resposta interna de ansiedade, após uma experiência negativa ou imitando respostas ansiosas de seu meio social.

A teoria existencialista afirma que o indivíduo fica ansioso ao se tornar consciente de um profundo vazio em suas vidas. A ansiedade constitui a resposta a este imenso vazio de existência e significado.

O existencialismo critica as abordagens que visualizam as pessoas como objetos. Analisa o homem além do seu comportamento observável, indagando sobre a natureza e objeto da sua existência. Nesse sentido, Kierkegaard, elabora a "ansiedade existencial", isto é, questiona sobre o sentido de ser e de não ser da consciência humana e da própria mortalidade do homem. Defende a teoria de que o indivíduo se angustia, não devido às circunstâncias, porém por si mesmo, ao ver-se no embate com o vazio que não pode ser preenchido pelos prazeres estéticos, nem pelas contingências éticas (KIERKEGAARD, 1979).

Kierkegaard (op.cit), nas suas obras O Conceito de Angústia e O Desespero Humano, faz alusão à angústia (ansiedade) do homem como um sentimento universal, afirmando que:

> [...] conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não sabe o quê de desconhecido ou que ele próprio; tal como os médicos dizem de uma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna (KIERKEGAARD, 1979, p. 203).

O existencialismo influenciou importantes ramos da psicologia e da psiquiatria, as escolas fenomenológicas que exploram a maneira como os fenômenos psíquicos se manifestam.

Nas várias concepções, vimos, então, que a ansiedade é entendida como uma das condições primárias da existência humana. Pelo nascimento, o homem tem o seu ato inaugural que representa a sua separação da mãe. Assim, a ansiedade é o primeiro sentimento radical de abandono de vida autônoma, de uma separação ou corte, constituindo-se, portanto, protótipo de sucessivas separações e perdas posteriores. A ameaça de perda estaria ligada às situações geradoras de ansiedade, enquanto a perda efetiva ou simbólica estaria ligada à depressão.

No que diz respeito ao processo de criação, de produção intelectual, apoiamo-nos fundamentalmente na perspectiva psicanalítica. O ato de criar, de produzir uma obra, está associado, simbolicamente, a um processo de separação, no qual o "filho", fruto desse processo de geração, é separado da mãe-autora, entregue através desse parto simbólico, ao outro, o que gera uma angústia ou ansiedade de perda ou de castração, freqüentemente, levando, também, a um sentimento de esvaziamento, a uma "depressão pós-parto".

Em Instintos e suas Vicissitudes, escrita em 1914, Freud (1969b) entende que a criação está próxima a um ato sublimatório, no qual a fonte do instinto ou de pulsão continua sendo sexual, embora o objeto criado seja dessexualizado. Para este pensador ato sublimatório é aquele cuja energia libidinal, própria do investimento sexual, sofre um processo de retração, vinculando-se à energia do ego, e, portanto, dessexualizando a relação com o objeto da criação.

Em Sobre o Narcisismo: uma Introdução, obra escrita também no ano de 1914, Freud (1969c) afirma que o indivíduo, ao criar, estabelece uma relação gemelar com o outro, seu "alter ego".O próprio Freud demonstrou o supra afirmado com sua intensa relação com Fliess.

A obra é fruto, também, do narcisismo do autor. Não o narcisismo estéril, voltado para si mesmo. Porém um narcisismo de vida que é constituído de elementos positivos e criativos, representando na obra, como no filho, uma extensão e ampliação do próprio criador. Com efeito, o ato de criar, de produzir é um processo de equilíbrio ligado ao narcisismo positivo do autor. Portanto, ao concretizar uma produção, o autor tem o desejo narcísico de ser perenizado, eternizado ou de ser aceito, reconhecido e respeitado na comunidade na qual atua.

Para Perestrello (1997), na sua síntese do pensamento freudiano sobre a criatividade do artista, a pessoa, no ato de criação, transforma desejos e fantasias inconscientes em uma obra de arte, que produzirá prazer estético no público. No contexto do presente trabalho, especificamente, no que diz respeito à publicação, entendemos que essa arte de criar gera no autor-criador um sentimento de ansiedade.

A arte e a literatura universais, assim como a ciência, registram várias mentes criativas. Podemos observar alguns representantes expressivos desses campos que, possivelmente, apresentavam conflitos ao criar e tornar públicas suas obras.

Freud dedicou atenção a vários personagens. A partir da sua teoria, analisou algumas dessas personalidades, dedicando especial admiração aos escritores, na tentativa de compreender a psicologia humana através de seus escritos. Na literatura, entre outros, estão Dostoievsky, em sua obra Os Irmãos Karamazov e Jennsen, em sua Gradiva. O texto de Dostoievsky foi analisado por Freud, o qual atribuiu ao primeiro uma patologia ao explorar a situação edípica; em Gradiva, Freud faz um estudo da repressão e negação. Outro texto que Freud escolheu para analisar a personalidade do autor foi o caso Schreber, identificando-o como psicótico-paranóico, explicando a gênese dos mecanismos psíquicos envolvidos na paranóia.

O próprio criador da Psicanálise não ficou isento da ansiedade de publicar. Freud se mostrava extremamente crítico em relação aos seus escritos, até mesmo considerando alguns deles de baixa qualidade. Ao contrário da maioria de seus pares, que tiveram acesso a esses trabalhos e que os consideraram de excelente mérito. Além disso, Freud era assolado pelo temor de tornarem públicos alguns de seus trabalhos, pois previa o impacto que suas idéias poderiam provocar na sociedade de sua época, de valores conservadores. Confrontar com a oposição hostil da cultura de então e a recriminação dos seus pares, o deixou, de certa forma, inibido e ansioso. Temia que isso provocasse nele feridas narcísicas.

É possível que vários manuscritos de Freud tenham sido destruídos por ele mesmo nesses momentos de auto-crítica, de "policiamento" interno, da ansiedade de publicar. À guisa de ilustração, na sua última obra de abordagem sociológica, intitulada Moisés e o Monoteísmo, redigida em 1934, Freud demonstrou intensa ansiedade em publicá-la, tendo consultado seus pares, seguidores e colegas intelectuais, só apresentando ao público quatro anos mais tarde (JONES, 1989).

Para fechar, a partir do trabalho de Desmond (1992), dedicaremos especial atenção a Darwin, sobre o qual teceremos algumas considerações acerca de suas inibições em publicar.

Como ocorreu com Freud, as idéias de Darwin encontraram resistência no seu campo de estudo: a biologia. Até ser reconhecido pela comunidade científica da época como criador da teoria da evolução do homem, Darwin sofreu violenta ansiedade em publicar suas idéias, apresentando, inclusive, inibição, a qual acarretou um longo adiamento da publicação da obra que marcaria a evolução do pensamento humano.

As novas teorias de Darwin o inquietavam de diversas formas: pelo seu pessimismo, timidez, ambivalência, isolamento e outros fatores.

Desde o início de sua pesquisa nas ilhas Galápagos, no navio "Beagle", Darwin tinha medo de se defrontar com a veracidade de suas descobertas, aumentando, ainda mais, suas tensões internas ao imaginá-las submetidas ao julgamento público. Darwin, como Freud, tinha um forte componente cultural repressivo; este, por ser judeu e aquele, por ser protestante. Sem falarmos do seu afastamento do meio científico e da sucessiva coleta de evidências cada vez mais conflitantes com as teorias da evolução das espécies de seu tempo.

Tornando-se convicto da consistência de sua incrível descoberta, sentia-se intensamente perturbado com as idéias de ser rejeitado pela comunidade científica, pelo seu mestre e pela possível repercussão desfavorável na Sociedade. Essas idéias o atormentavam tanto, ao ponto de ficar enfermo.

Darwin só conseguiu publicar a sua teoria 17 anos depois de tê-la escrito, e, mesmo assim, com o humilde título de "Resumo de um Ensaio sobre a Origem das Espécies e Variações através da Seleção Natural". Porém, finalmente, o seu editor fez a sua publicação sob o título "A origem das Espécies".

Como observamos, temos aqui, talvez, o exemplo mais precioso de um pensador atormentado pelas idéias de publicar seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias concepções filosóficas, sobretudo a teoria psicanalítica, muito contribuíram para compreender essa relação entre o ato de escrever, de publicar e os aspectos ansiogênicos que os envolvem.

Muitas vezes, a ansiedade de publicar se manisfesta na elaboração de trabalhos teóricos, nos quais são citados um excessivo número de referências. É como se o autor se eximisse de expor as suas próprias idéias, protegendo-se nas de outros.

Obviamente, pode existir uma ansiedade patológica que leva o autor a uma inibição tal que provoca uma esterilidade intelectual. No entanto, é preciso entender que a ansiedade não é, necessariamente, patológica. Ela é fonte ambivalente de prazer e desprazer, que possibilita ao autor fazer uma auto-crítica, revelada na forma e conteúdo do trabalho,

propiciando o seu aperfeiçoamento, o qual , eventualmente, subsidiará na construção do conhecimento.

Há que prevalecer, naturalmente, um bom senso nos escritos; mesmo assim, é preferível expor as idéias, submetê-las às críticas para, posteriormente, reformulá-las, a ficar numa posição narcísica-estéril.

Os autores deste trabalho também não ficaram isentos das tensões e sentimentos que envolvem a ansiedade em publicar. Contudo, publicaram.

A ansiedade é protetora e necessária para a obra de qualquer autor-criador. Devemos lembrar que essa ansiedade de publicar deve ser vista como uma contingência humana, natural de quem publica. Os autores-criadores devem passar por esse processo, recordando que, mesmo os escritores experientes ou famosos sofreram conflitos, mas não deixaram de prestar uma contribuição significativa e perene ao conhecimento e evolução do pensamento humano.

O ato de criar, ligado à pulsão de vida, está associado à preservação da cultura humana, que, por sua vez, constitui uma forma de preservação da própria espécie.

REFERÊNCIAS

DENNET, D. Linguagem e inteligência. In: KHALFA, Jean (Org.). *A Natureza e inteligência.* São Paulo; Editora UNESP, 1996. 212 p. Cap. 1, p. 163-179

DESMOND, A. ;MOORE, J *Darwin.* Londres: Penguin, 1992.

FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização-leitura do mundo/leitura da palavra* . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREUD, S. *Inibições, sintomas e angústia*: Introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v. 20 (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud)

_____. *Sobre o narcisismo*: uma Introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v. 14 (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud.)

_____. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1969c. v. 14 (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud)

JONES, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 3

KIERKEGAARD, S.A. *Diário de um sedutor, temor e tremor, o desespero humano.* Tradução de Carlos Grifo, José Manto, Adolfo Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores)

LEWIS, A. Problems presented by the ambiguous Word “anxiety” as used in psychopathology. *Israel Annales of Psychiatry and Related Disciplines*, v. 5, n. 2, p. 105-121, 1997.

PERESTELLO, M. O artista e a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 565-579, 1997

VYGOSTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.